

ENTRE VISTA DE *Quinta*

‘Sou um soldado do governo’

Secretário de Governo fala sobre VPNI, RP Mobi, reforma administrativa e bastidores do poder

EDUARDO SCHIAVONI
eduardoschiavoni@jornalribeirao.com.br

Discreto, mas com papel central no tabuleiro político da administração municipal. Esse é Jean Vicente, secretário de Governo do prefeito Ricardo Silva (PSD), que vem sendo reconhecido nos bastidores da política como o homem forte da atual administração.

Jean assumiu a pasta após a saída do também jornalista João Augusto do governo com a missão de organizar as demandas de governo e promover a integração entre secretarias, vereadores e lideranças políticas, sem deixar de lado o caminhar da máquina. Cabe a ele aparar as arestas e atender os infindáveis representantes políticos, além de realizar as cobranças da administração em temas específicos.

Corintiano e goleiro nas peladas de fim de semana, é pai de quatro filhos e casado com a fotógrafa Carilina Alves Vicente. Tem passagens por veículos de Ribeirão como Jornal A Cidade e SBT, além de assessoria parlamentar do próprio Ricardo Silva.

Nesta entrevista, Jean fala sobre as críticas à implementação do VPNI na Educação, comenta a relação com aliados políticos e a gestão de estatais como a RP Mobi, além de tratar da futura reforma administrativa e dos desafios financeiros enfrentados pela atual gestão. Confira.

JORNAL RIBEIRÃO – Um problema pontual: a Educação. Há queixas sobre a implementação do VPNI, com professores apontando que os beneficiados passaram a ganhar mais. Como a prefeitura analisa?

Jean Vicente- Essa é uma situação herdada da gestão anterior e que foi judicializada. A Prefeitura precisou cumprir uma deci-

são judicial e, a partir dela, costumamos o melhor acordo possível junto ao Sindicato dos Servidores e a representantes da categoria.

Sabemos que sempre haverá diferentes visões dentro da rede, mas garantimos segurança jurídica, valorização profissional e responsabilidade fiscal. Foi o caminho mais equilibrado, que buscamos com o Sindicato, com os professores e dentro da administração. Foi o melhor acordo possível.

O governo sofreu críticas pela nomeação de alguns políticos, como Sérgio Zerbinato e Gláucia Berenice, depois removidos. Também há queixas sobre uso político das empresas com participação da prefeitura, como a RP Mobi, que, dizem, está loteada “de porteira fechada” ao presidente da Câmara, Isaac Antunes (PL). Como o senhor avalia?

Acho que são questões pontuais, mas as críticas fazem parte de qualquer governo. Ninguém acerta sempre, mas o essencial é entendermos a dinâmica da política.

Temos clareza de que o prefeito Ricardo Silva governa com base na boa política, com participação de aliados — algo legítimo em qualquer democracia. Isso sempre foi dito de forma aberta e direta, porque é a boa política, e não se faz boa política sozinho.

Agora, o governo não tem compromisso com o erro. Todas as trocas que se mostraram necessárias foram feitas — e as que precisarem ser feitas, serão. Seguimos com critério e responsabilidade.

Quanto ao Isaac, tenho a dizer que é um grande aliado político e temos um diálogo institucional respeitoso. É um aliado de primeira hora, e tem ajudado muito a administração no contato com o Legislativo, inclu-



sive trabalhando para o bem comum da cidade.

Mas, quando o tema é RP Mobi, conversei com Marcelo Galli, que é o diretor-presidente da empresa e conduz o trabalho com competência. É ele o presidente da companhia.

Ribeirão vem preparando uma reforma administrativa que, dizem, pode criar muitos cargos. Existe pressão interna? Como lidar com isso na esfera política?

Esse é outro problema que herdamos. A gestão anterior fez duas reformas e não resolveu as distorções, em um processo no mínimo polêmico. Contratamos a Fipe, que elaborou um diagnóstico técnico e profundo, e estamos prestes a implementar as mudanças.

Não há, dentro do governo, qualquer pressão por criação de cargos. A prioridade é corrigir falhas estruturais. Os setores estão integrados e sabem que a reforma é necessária. Vamos fazer isso com seriedade e transparência.

Na sua visão, qual o principal problema da gestão?

É a situação financeira. O Orçamento foi herdado da gestão anterior, com muitas amarras e pouca margem para custeio de pessoal.

Cancelamos a construção do Centro Administrativo, que teria custo de R\$ 122 milhões, além de outros R\$ 40 decorrentes da venda de imóveis. Com esse recurso iremos construir muitas obras, mas tenho que admitir que não tenho margem para contratação de mais médicos, mais profissionais.

Então não há o que negar, financeiramente temos muitas limitações e esse é o maior problema da gestão. A irresponsabilidade da administração passada nos deixou esse desafio, mas estamos enfrentando com planejamento. O prefeito Ricardo Silva é comprometido com a responsabilidade fiscal e, com o tempo, vamos reorganizar as contas.

Você ocupa hoje um lugar estratégico, antes ocupado pelo João Augusto, nosso colega jornalista e um dos maiores caracteres da imprensa. Seu estilo é diferente. Inclusive você já me disse, em conversa, que prefere ficar fora dos holofotes, atuando politicamente de forma interna. Como está sendo a experiência de ir para a luz?

De fato, meu perfil sempre foi mais de bastidores. Mas assumi a Secretaria com a missão de ajudar a organizar as pautas do governo e dar suporte ao prefeito, e tem sido uma grande experiência, e muito tranquila.

A Secretaria de Governo tem papel central na articulação e na apresentação da gestão. Então, mesmo com um estilo mais reservado, estou presente nas decisões, ajudando a tocar a máquina. Sempre fui um soldado — e é assim que continuo atuando.

O ex-prefeito Palocci tinha um chefe de gabinete lendário, Juscelino Dourado, polido e implacável. Já Duarte Nogueira teve o Toninho “Marvadeza”, centralizador. Você está mais para Jean Dourado ou Jean Malvadeza?

(Risos) Prefiro não adotar nenhuma das referências. Quero construir meu próprio caminho. Quem sabe, daqui a 20 anos, alguém lembre do estilo Jean Vicente como secretário de Governo? Mas Jeanzinho Malvadeza nem combina, né? Não gostaria de ser reconhecido como nenhum dos exemplos. Mas estou trabalhando para contribuir ao máximo com a gestão, do meu jeito.